Carta do Prelado (Novembro de 2015)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e meus filhos!

É grande a minha alegria pela ordenação diaconal de um grupo de irmãos vossos, que se realizou ontem na Basílica de Santo Eugênio. Ao se dedicarem às atividades apostólicas da Prelazia, que é uma parte viva do Corpo místico de Cristo, estes meus filhos servirão com toda sua alma à Igreja, tão necessitada de ministros sagrados que lutem para serem santos, cultos, alegres e esportistas na vida espiritual, como São Josemaria desejava. Peçamos a Deus com insistência que este dom nunca falte no mundo inteiro, com seminaristas e sacerdotes santos nas dioceses.

O início deste mês traz à nossa mente a verdade tão consoladora da Comunhão dos Santos. Hoje recordamos especialmente aos fiéis que já desfrutam da Santíssima Trindade no Céu, e amanhã estarão muito presentes nas nossas orações os fiéis defuntos, que ainda se purificam no Purgatório, com quem temos que estabelecer uma profunda amizade.

Lembro-me da devoção com que nosso Padre vivia este dia, desejando que, graças também aos sufrágios que a Igreja oferece, as benditas almas recebessem a remissão total das penas temporais devidas pelos pecados, e assim pudessem chegar à presença beatificante de Deus. Sentia tanto a urgência desta manifestação de misericórdia, de caridade, que dispôs que no Opus Dei se aplicasse frequentemente a celebração da Santa Missa, a Sagrada Comunhão e a recitação do Terço pelo descanso eterno das suas filhas e dos seus filhos, dos nossos pais e irmãos, dos Cooperadores falecidos, e por todos os que deixaram este mundo. Sejamos generosos na aplicação destes sufrágios e acrescentemos, por nossa parte, o que nos parecer oportuno; sobretudo o oferecimento de um trabalho acabado com perfeição, com espírito alegre de oração e de penitência.

Muito pertinente é a recomendação de São Paulo: *cotídie mórior* [1], cada dia morro para o pecado, para ressuscitar com Jesus Cristo. São Josemaria, ao assumir o conselho do Apóstolo, convidava-nos a meditar frequentemente no final da vida terrena, com o desejo de nos prepararmos o melhor possível para o encontro com Deus. A morte é uma realidade que afeta a todos, sem exceção. Muitos temem e fazem o possível por esquecê-la. Não deveria ser assim para um cristão coerente com a sua fé. ***Aos "outros", a morte os paralisa e assusta. A nós, a morte – a Vida – dá-nos coragem e impulso. Para eles, é o fim; para nós, o princípio*** [2].

No entanto, este passo às vezes aparece para nós com uma imagem dramática, especialmente quando surge de modo imprevisto, ou quando atinge a pessoas jovens, diante de quem se abria um futuro cheio de possibilidades. O Santo Padre comenta que nestes casos, para muitas pessoas, **a morte é como um buraco negro que se abre na vida das famílias e ao qual não sabemos dar explicação alguma** [3].

Mas não podemos esquecer que, como afirma a Sagrada Escritura, *Deus não é o autor da morte, a perdição dos vivos não lhe dá alegria alguma* [4]. O homem foi criado com uma natureza mortal, mas a Sabedoria e a Onipotência divinas tinham disposto que ele não

morresse, se os nossos primeiros pais tivessem amado e obedecido fielmente aos mandamentos de Deus. Eles deixaram-se enganar pelo tentador, e o resultado está à vista: *como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todo o gênero humano, porque todos pecaram* [5].

Sobre este assunto, as considerações do nosso Padre ajudam e consolam muito. Entre outros textos, escreveu: ***A morte chegará inexoravelmente. Portanto, que oca vaidade centrar a existência nesta vida! Olha como padecem tantas e tantos. A uns, porque ela se acaba, dói-lhes deixá-la; a outros, porque dura, enfastia-os... Em caso algum tem cabimento a atitude errada de justificarmos a nossa passagem pela terra como um fim.***

É preciso sair dessa lógica, e ancorar-se na outra: na eterna. É necessário uma mudança total: um esvaziar-se de si mesmo, dos motivos egocêntricos, que são caducos, para renascer em Cristo, que é eterno. [6].

Só com olhar de fé para Jesus Cristo crucificado, podemos vislumbrar este mistério, que tem mais consolação que tristeza. O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que «graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. *Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro (Fl* 1, 21). *É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos (2 Tm* 2, 11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Batismo, o cristão já 'morreu com Cristo' sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consuma este 'morrer com Cristo' e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu ato redentor»[7]. Embora não seja totalmente correta, tem uma base de verdade a resposta da mãe de um irmão nosso, ao comentar com fé, na hora da sua morte: "como o Senhor não me vai receber, se eu O tenho recebido anos e anos na Comunhão todos os dias?"

A certeza da fé, unida à esperança e à caridade, tem a capacidade de anular o véu de tristeza e medo com que muitas vezes se considera o passo final da existência terrena. Mais ainda – como a partida desta terra dos santos mostra com especial clareza – com a fé é possível acolher a morte com paz, porque se vai ao encontro do Senhor. ***Não tenhas medo da morte. – Aceita-a desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. – Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada por teu Pai-Deus. – Bem-vinda seja a nossa irmã, a morte!*** [8].

Estas reflexões são tradicionais na doutrina e no comportamento cristãos. Não pressupõem algo negativo, nem pretendem fomentar inquietações irracionais, mas sim um santo temor filial, cheio de confiança em Deus. Trazem consigo um realismo sobrenatural e humano, com sinais claros de que a sabedoria cristã, a partir da fé, dá tranquilidade e confiança à alma.

O nosso Padre ensinou-nos a tirar consequências práticas da meditação sobre este momento e, em geral, sobre os novíssimos. ***Não consideremos pois friamente estas coisas,*** pregava em uma ocasião para um grupo de filhos seus jovens. ***Eu não quero que nenhum de vós morra. Guarda-os, Senhor, não os leves ainda pois são jovens, e aqui em baixo tens poucos instrumentos! Espero que o Senhor me ouça... Mas a morte pode***

vir a qualquer momento [9]. E concluía: ***que consciência tão objetiva nos traz a consideração da morte! Que bom remédio para dominar as rebeliões da vontade e a soberba da inteligência! Ama-a, e diz ao Senhor, com confiança: como Tu quiseres, quando Tu quiseres, onde Tu quiseres*** [10].

Evidentemente, a realidade da morte torna-se mais dura, quando afeta as pessoas mais queridas: pais, filhos, esposos, irmãos... Mas, com a graça de Deus, **à luz da Ressurreição do Senhor, que não abandona nenhum daqueles que o Pai lhe confiou, nós podemos privar a morte do seu «aguilhão», como dizia o apóstolo Paulo (*1 Cor*15, 55); podemos impedir que ela envenene a nossa vida, que torne vãos os nossos afetos, que nos leve a cair no vazio mais obscuro** [11]. É certo que o Senhor nos quer ao seu lado, para desfrutarmos da Sua santa visão e presença. Fomentamos diariamente esta esperança? Rezamos com devoção – como nosso Padre – o *vultum tuum, Dómine, requíram*[12], buscarei, Senhor, teu rosto?

Estes momentos, que são acompanhados pela dor – se a família cristã tiver profundas raízes na fé – convertem-se em ocasião para reforçar os laços que unem entre si os diversos membros, o que muitas vezes ocorre de fato. **Nesta fé, podemos consolar-nos uns aos outros, conscientes de que o Senhor venceu a morte de uma vez para sempre. Os nossos entes queridos não desapareceram nas trevas do nada: a esperança assegura-nos que eles estão nas mãos bondosas e vigorosas de Deus. O amor é mais forte do que a morte. Por isso, o caminho consiste em fazer aumentar o amor, em torná-lo mais sólido, e o amor preservar-nos-á até ao dia em que todas as lágrimas serão enxugadas, quando «já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor» (*Ap* 21, 4)** [13].

Esta visão cristã oferece o verdadeiro antídoto contra o medo que nos costuma assaltar ao comprovarmos a caducidade da existência terrena. Ao mesmo tempo, como já mencionei, é natural que a morte dos entes queridos nos doa, e que choremos a sua partida. Jesus Cristo também chorou pela morte de Lázaro, o amigo tão querido, antes de ressuscitá-lo. Mas sem exagerar, porque para um cristão consequente é ***ir para uma festa***. Assim expressava-se São Josemaria, que comentava: ***quando nos disserem:*** **ecce spónsus venit, exíte óbviam ei *(*Mt *25, 6) — eis que vem o esposo; sai, que Ele vem buscar-Te—, pediremos a intercessão da Virgem. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora... e, bem o verás, à hora da morte! Que sorriso terás à hora da morte! Não haverá nem um ricto de medo, porque os braços de Maria estarão aí para receber-te****[14].*

Quando o Senhor chamava à Sua presença alguma filha ou algum filho seu ainda jovem, o nosso Padre *protestava* filialmente e sentia uma profunda dor; mas imediatamente aceitava a Vontade divina, que sabe o que realmente nos convém. E rezava: ***Fiat, adimpleátur…, faça-se, cumpra-se, seja louvada e eternamente glorificada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas. Assim seja. Assim seja*** [15]. E alcançava a paz.

Todos estes pensamentos devem estar unidos sempre à consideração de que a onipotência divina nos devolverá a vida: *vita mutátur, non tóllitur*[16], a vida é mudada, não perdida. A segurança de saber que estamos perto de Deus, com todas as ajudas que a nossa Mãe a

Igreja proporciona nesses momentos finais, nos levará a raciocinar assim: ***Senhor, creio que ressuscitarei; creio que o meu corpo voltará a unir-se à minha alma para reinar contigo eternamente, por causa dos teus méritos infinitos, da intercessão da tua Mãe, da predileção que tiveste para comigo*** [17].

Filhas e filhos meus, esforcemo-nos por transmitir esta alegria e esta segurança da fé. Rezemos todos os dias pelas pessoas que entregarão a sua alma ao Senhor, para que se abram à graça abundantíssima que Deus concede nesses momentos, pela intercessão da sua Mãe Santíssima. E continuemos rezando pela santidade de todos os lares da terra, para que as conclusões do recente Sínodo impulsionem a seguir com fidelidade total os designíos de salvação que o Senhor inscreveu no núcleo do casamento e da família.

Gostaria que reparásseis na sabedoria da Igreja santa, que uniu a solenidade de Todos os Santos ao dia seguinte, dedicado à comemoração de todos os fiéis defuntos: saboreai a alegria celestial que impregna a liturgia deste mês, e de todo o ano.

Com todo o afeto, abençoa-vos

Vosso Padre

+ Javier

Roma, 1º de novembro de 2015.

OBS: Dentro de alguns dias irei à Clínica Universidade de Navarra, para me submeter a uma operação cirúrgica. Estarei muito unido a todas e a todos vós, e espero que me sustenteis com a fortaleza da vossa oração.

© Prælatura Sanctæ Crucis et Operis Dei

[1] 1 *Cor* 15, 31.

[2] São Josemaria, *Caminho*, n. 738.

[3] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-06-2015.

[4] *Sb*1, 13.

[5] *Rm* 5, 12.

[6] São Josemaria, *Sulco*, n. 879.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1010.

[8] São Josemaria, *Caminho*, n. 739.

[9] São Josemaria, Anotações de uma meditação, 13-12-1948.

[10] *Ibid*.

[11] Papa Francisco, Discurso na audiência general, 17-06-2015.

[12] Cf. *Sl* 26 [27] 8.

[13] Papa Francisco, Discurso na audiência general, 17-06-2015.

[14] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 23-06-1974.

[15] São Josemaria, *Forja*, n. 769.

[16] Missal Romano, Prefácio de defuntos I.

[17] São Josemaria, Anotações de uma meditação, 13-12-1948.